

# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>
<p>A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-029-2 DOI 10.22533/at.ed.292202904</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.

John Ruskin

Todos vivemos a arquitetura, sentimos e interpretamos seus espaços e seus vazios, é arte cotidiana. Os espaços projetados pelo homem têm impacto direto sobre nosso sentir e fazer, um edifício bem planejado traz satisfação, traz conforto para o desenvolvimento das atividades humanas, esses impactos são sentidos fisicamente e psicologicamente, e por isso se faz relevante as análises que destes espaços aqui se apresentam.

Este livro se propõe a discutir a arquitetura de maneira ampla e profunda, entendendo que o espaço vivido assume dimensões além do palpável, passa pelos caminhos da história, da sociologia, da matemática e outras ciências, e que esta relação oferece análises mais complexas e reais.

Arquitetura acontece em escalas diferentes, do pequeno cômodo às grandes cidades, do móvel da casa ao mobiliário urbano, é um universo que se dispõe a ser estudado, a ser desvendado. A organização deste livro segue a escala de seus objetos de estudo, iniciando pela arquitetura, sua história e sua atualidade, na forma como a ocupação pode ser ressignificada, ou como a falta de acessibilidade limita o viver o espaço. Passa à escala urbana, as análises do que já foi, do que está sendo e do que pode ser.

Caminhar entre as relações do homem com o espaço é trabalho complexo, pois necessita da análise objetiva, mas não pode descartar o lado humano destas relações. Oferecer estes estudos é plantar sementes para novas discussões, que acabam por interferir diretamente em nossas casas, bairros e cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CASA DO CHAME-CHAME: CONEXÕES COM CULTURA LOCAL E ARQUITETURA MODERNA INTERNACIONAL	
Silvia Lopes Carneiro Leão	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2922029041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>24</b>
ARQUITETURA ASSOCIADA AO “ART DÉCO” NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS	
Fernanda de Castro Farias	
Nelci Tinem ( <i>in memoriam</i> )	
DOI 10.22533/at.ed.2922029042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>41</b>
DE SANTIAGO DE COMPOSTELA À PORTO ALEGRE: METAMORFOSES DE LINGUAGEM NOS MUSEUS DE ÁLVARO SIZA ENTRE 1988 E 1998	
Raul Penteado Neto	
Joubert José Lancha	
DOI 10.22533/at.ed.2922029043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>60</b>
SISTEMATIZAÇÃO DE DIRETRIZES PROJETOAIS PARA MEIOS DE HOSPEDAGEM PERSONALIZADOS PARA CICLOTURISTAS COMO INCENTIVO À CICLOMOBILIDADE	
Jeane Aparecida da Silva	
Leandro Silva Leite	
DOI 10.22533/at.ed.2922029044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>69</b>
DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS A CENTROS CULTURAIS: A PRESENÇA DA ARQUITETURA DOS BANCOS NA PAISAGEM DAS CIDADES	
Janércia Aparecida Alves	
Frederico Braidia Rodrigues de Paula	
José Gustavo Francis Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.2922029045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>82</b>
VIDA RIBEIRINHA: UMA ANÁLISE DE COMO A FALTA DE ACESSIBILIDADE PODE INFLUENCIAR NA QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU EM BELÉM, PARÁ	
Érica Corrêa Monteiro	
Angelo Giovani dos Santos Feio	
Kayan Freitas de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2922029046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
A OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: A COLÔNIA DO SACRAMENTO E O HIBRIDISMO CONFIGURACIONAL	
Ivan Oliveira de Grande	
Valério Augusto Soares de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2922029047	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>110</b>
A REGIÃO DOS JARDINS EM SÃO PAULO: PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MUDANÇA	
Luiza Veiga Mathias	
José Geraldo Simões Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.2922029048	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>130</b>
TEORIA E PRÁTICA: DO CONCEITO AO PROJETO	
Letícia Peret Antunes Hardt	
Carlos Hardt	
Marlos Hardt	
DOI 10.22533/at.ed.2922029049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>140</b>
GOIÂNIA, ENTRE O EFEITO GENÉRICO E AS PERMANÊNCIAS	
Pedro Henrique Máximo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>153</b>
GEOMETRIA FRACTAL E OS VAZIOS URBANOS (EUCLIDIANOS)	
Solimar Mendes Isaac	
Fernando Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.29220290411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>170</b>
CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO	
Elisabete Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290412	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>180</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>181</b>

## VIDA RIBEIRINHA: UMA ANÁLISE DE COMO A FALTA DE ACESSIBILIDADE PODE INFLUENCIAR NA QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU EM BELÉM, PARÁ

*Data de aceite: 13/04/2020*

*Data de submissão: 03/01/2020*

### Érica Corrêa Monteiro

Mestre em Arquitetura e Urbanismo  
Belém- Pará

### Angelo Giovanni dos Santos Feio

Arquiteto e urbanista  
Belém- Pará

### Kayan Freitas de Araújo

Estudante de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade  
Estácio Belém  
Belém- Pará

**RESUMO:** As comunidades ribeirinhas de Belém sofrem com a falta e/ ou precariedade de infraestrutura básica de saúde, principalmente para atendimentos de urgência e emergência, o que resulta em pacientes encaminhados à capital. O problema é que o deslocamento destes até algum pronto-socorro em Belém não é rápido e pode ser comprometido pela falta de acessibilidade espacial nos espaços físicos (os trapiches e as calçadas) e no transporte aquaviário, cujas condições inadequadas e, muitas vezes, improvisadas podem piorar o quadro do paciente. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo fazer uma análise do trapiche,

calçadas de estivas e a UBS do Combu a fim de verificar como esses espaços influenciam na qualidade de vida do cidadão. Para se alcançar este objetivo, foi necessária a combinação de diferentes processos metodológicos. Dentre eles, o método de Pesquisa Bibliográfica tendo como referência conceitos relacionados ao cenário ribeirinho e acessibilidade espacial. Já a Pesquisa de Campo com abordagem multimétodos – visita exploratória, observação participante e entrevistas - pôde contribuir para se conhecer com maior profundidade o ambiente estudado. Neste processo, foram identificados vários problemas relacionados à acessibilidade espacial e de mobilidade urbana. Assim, os dados alcançados permitiram discutir a complexidade e a importância de temas relacionados a melhorias e qualidade de vida mais adequadas às comunidades ribeirinhas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura ribeirinha, acessibilidade espacial, saúde.

RIVER LIFE: AN ANALYSIS OF HOW THE LACK OF ACCESSIBILITY CAN INFLUENCE THE QUALITY OF LIFE THE RESIDENTS OF COMBU ISLAND IN BELÉM, PARÁ

**ABSTRACT:** The riverside communities of Belém suffer with the lack and /or precariousness

of basic health infrastructure, mainly for urgent and emergency care, which results in patients going to the capital. The problem is that the transport to some emergency room in Belém is not fast and may be compromised by the lack of space accessibility in the physical spaces (piers and sidewalks) and in waterway transport, which inappropriate and often improvised conditions may worsen the patient's condition. Therefore, this research aims to make an analysis of the pier, stowage sidewalks and the Combu UBS in order to verify how these spaces influence the quality of life of citizens. To achieve this goal, it was necessary to combine different methodological processes. Among them, the method of Bibliographic Research having as reference concepts related to the riverside scenario and spatial accessibility. The field research with a multi-method approach - exploratory visit, participant observation and interviews - could contribute to know more about the studied environment. In this process, several problems related to spatial accessibility and urban mobility were identified. Thus, the data obtained allowed us to discuss the complexity and importance of issues related to improvements and better quality of life for riverside communities.

**KEYWORDS:** Ribeirinha architecture, spacial accessibility, health.

## 1 | INTRODUÇÃO

A arquitetura ribeirinha na Amazônia possui uma linguagem muito rica de respeito e harmonia com a paisagem na qual está inserida. São representadas por meio de edificações de palafitas e/ ou de flutuantes -dependendo das características da região, do solo e dos rios. Em Belém, do Pará, por exemplo, existem várias ilhas que apresentam a arquitetura palafítica. Dentre essas, destaca-se a Ilha do Combu, localizada a 1,5 km ao sul de Belém, que se tornou um dos locais com grande potencial turístico devido suas particularidades arquitetônicas e culturais. No entanto, embora seja uma arquitetura considerada apropriada à região, observa-se vários problemas sociais e ambientais relacionados à saúde pública. Na ilha do Combu existe apenas um posto de saúde para atendimentos básicos, o qual não consegue atender a demanda da ilha, o que resulta, em casos mais graves, no encaminhamento dos ilhéus a médicos especialistas em Belém. Tal procedimento torna-se, muitas vezes, inviável, já que a maioria dos postos de saúde e hospitais da cidade apresentam superlotação por atenderem populações de diversas localidades no estado do Pará.

Junto a esse problema é importante ressaltar a falta de acessibilidade espacial em áreas ribeirinhas. Tais problemas podem ser evidenciados nos acessos às edificações que são realizados por atracagem de barcos aos trapiches e as calçadas palafitadas (Figura 1).



Figura 1. Estruturas físicas demandam muito esforço físico e /ou ajuda de terceiros para acessá-los

Fonte: Autores, 2019.

O problema é mais evidente no acesso ao posto de atendimento médico, já que a maioria das pessoas que procuram este serviço estão debilitadas, e sua transferência do barco para o trapiche ou vice-versa, principalmente quando a maré está mais abaixo do nível do piso do trapiche, pode gerar constrangimento e/ ou perigo de acidentes mais graves ao serem carregadas por outras pessoas (MONTEIRO, 2015).

Para se entender esses problemas, este artigo aborda uma análise das principais dificuldades encontradas na Ilha. Cabe mencionar que o tema abordado possui pouco material científico a respeito da acessibilidade espacial no cenário ribeirinho. Na falta de mais informações, a Pesquisa de Campo foi relevante para se conhecer e vivenciar o cotidiano da população e, assim, entender questões culturais, sociais e econômica que possam explicar parte desses problemas e gerar discussões que tragam mais visibilidades à comunidade ribeirinha.

## 2 | METODOLOGIA UTILIZADA

Para entender melhor o cotidiano da população da Ilha do Combu, recorreu-se ao método multirreferencial por meio da Pesquisa Bibliográfica, na qual pôde-se procurar, recolher, analisar, interpretar e julgar os materiais encontrados (LUDWIG, 2012). Neste caso, teve-se como referência conceitos e temas que envolvessem o cenário ribeirinho, sua a cultura, suas tipologias palafitadas, além da questão social, econômica e política.

A Pesquisa de Campo foi essencial para se compreender melhor a comunidade do Combu, sobretudo sobre o aspecto da acessibilidade espacial nos espaços. As visitas à Ilha do Combu foram constantes e para a busca de dados, utilizou-se uma

abordagem multimétodos por meio de Visita Exploratória, Observação participante, Levantamento técnico físico, Levantamento de imagens e Entrevistas estruturadas e não estruturadas.

A visita exploratória tem por objetivo, segundo Lakatos e Marconi (2010, p.171), a formulação de questões ou de problemas, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente a fim de realizar uma pesquisa futura mais precisa. Já as observações realizadas, parte do conceito de Richardson (2008) que quando a observação é adequadamente conduzida pode revelar inesperados e surpreendentes resultados que, possivelmente não seria examinada em estudos que utilizassem técnicas diretivas. Assim, as observações podem obter informações de fenômenos novos e inexplicados que desafiam nossa curiosidade. Por fim, para conseguir maiores informações das pessoas, resolveu-se utilizar o método das *entrevistas não estruturadas*, pois, em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal (LAKATOS e MARCONI, 2010). Essa última foi relevante, uma vez que, muitas pessoas se sentiam desconfortáveis diante de papel e caneta. A partir destes métodos pôde-se:

- a. Observar e registrar por meio de desenhos, fotos e medições os ambientes ribeirinhos utilizados para atracagem de barcos e embarque e desembarque, tais como os trapiches e circulações de palafitas.
- b. Conhecer a opinião da comunidade sobre o tema investigado e descobrir quais os seus desejos e suas expectativas para a problemática de saúde.
- c. Identificar as maiores dificuldades da população em relação a saúde médica e a acessibilidade espacial.

Assim, a partir dessas metodologias, pôde-se fazer uma análise mais aprofundada da área de estudo que será apresentada no próximo tópico.

### 3 | ILHA DO COMBU: APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A capital do Pará, Belém, possui um total de 39 ilhas em seu território. Destas, a Ilha do Combu faz parte da sua zona rural e apresenta características particulares em suas tipologias palafitadas que a fez ter uma visibilidade no turismo rural (BELÉM, 2019).

A Ilha do Combu localiza-se na margem esquerda do Rio Guamá, em frente à orla de Belém, com cerca de 1,5 mil hectares (BELÉM, 2019). A ilha é considerada, em tamanho e espaço territorial, a quarta maior de Belém e é marcada por ser uma área de várzea, com variação anual de influências da maré. Por conta disso, apresenta-se de forma isolada, uma vez que seu acesso só é realizado via rio

(Figura 2)

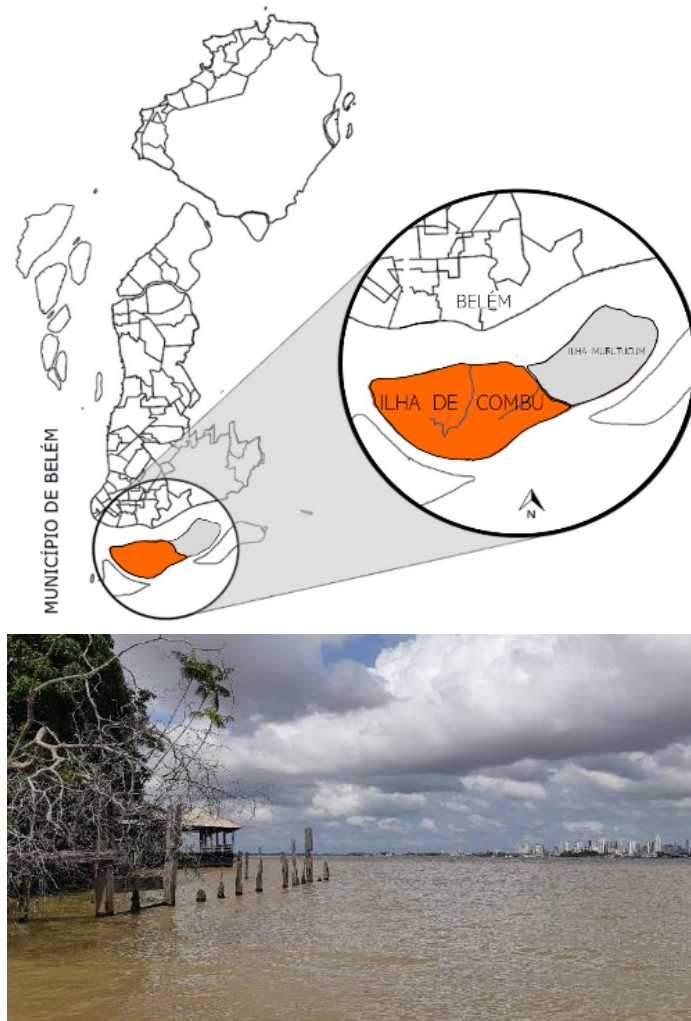


Figura 2. Mapa de localização da Ilha do Combu

Fonte: PREFEITURA DE BELÉM, 1996; adaptado pelos autores, 2019; Autores, 2019.

A morfologia da ilha do Combu apresenta-se como um modelo dissociado. Conforme Granell e Runge (2007), este modelo é aquele integrado por unidades de habitações ou de equipamentos que possuem conexão entre si por via pedestre. No caso do Combu, existem particularidade, uma vez que as habitações se concentram apenas na orla do igarapé do Combu e seus afluentes. Com isso, de acordo com Monteiro (2015) observa-se que as casas são distantes uma das outras, e em época de maré cheia, o acesso aos vizinhos, à escola e ao Posto de Saúde só é realizado por via barco. Já em época de estiagem, a população faz pequenas trilhas entres quintais para o acesso por terra, já que não existem ruas internas (Figura 3).

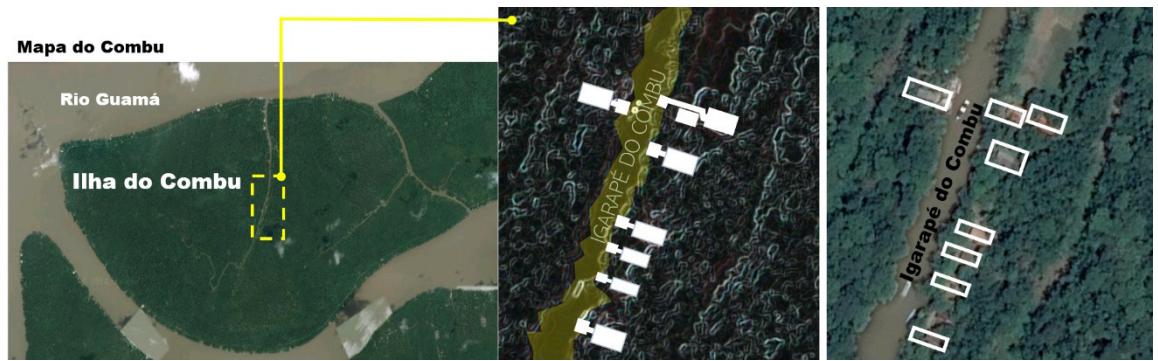


Figura 3- Ilha do Combu- Exemplo de assentamento dissociado, tendo em alguns trechos concentrações dispersas e em outros compactos

Fonte: Monteiro (2015)

Para atender essa particularidade, as residências do Combu, sendo de madeira ou alvenaria, seguem o mesmo padrão como um modelo-tipo, configurado como: Trapiche-calçadas de estivas- edificação (MONTEIRO, 2015) (Figura 4).

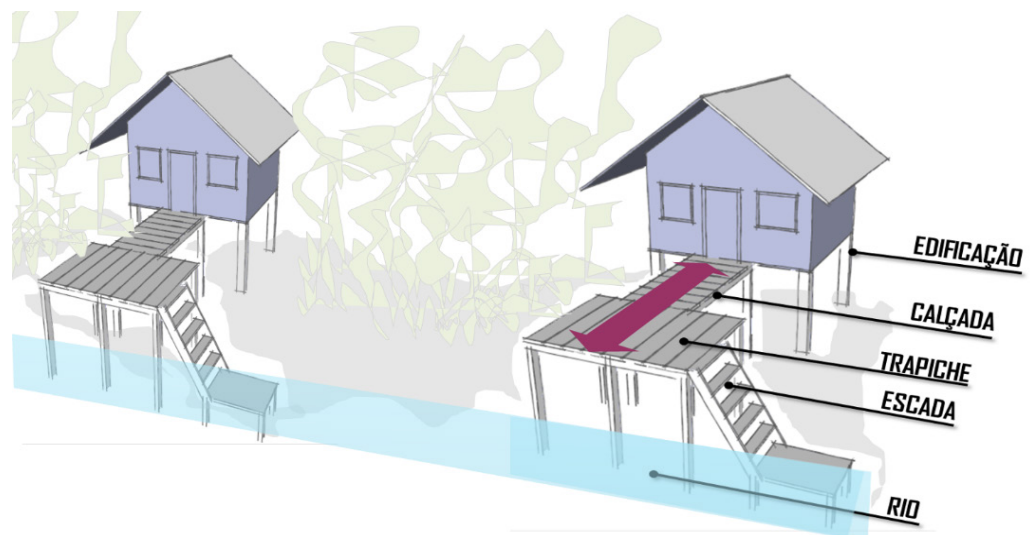


Figura 4- Configuração como padrão-tipo das residências da Ilha

Fonte: Monteiro (2017)

Tal situação, vale a reflexão: se um ilhéu que mora no final do igarapé do Combu, por exemplo, passa mal de madrugada, em época de vazante, como a família procederia para tentar salvar a sua vida? Diante dessa pergunta, fez-se análises para prever o tempo e as formas de mobilidade para se conseguir atendimento médico aos ilhéus.

### 3.1 Os desafios de mobilidade, acessibilidade e atendimento médico na Ilha do Combu

O grande desafio que deve ser abraçado pela mobilidade urbana é a inclusão de parcelas consideráveis da população na vida das cidades, promovendo a

inclusão social à medida que proporciona acesso amplo e democrático ao espaço urbano (DUARTE; LIBARDI; SÁNCHEZ, 2007). Nesse contexto, Belém dispõe de um potencial fluvial elevado devido aos rios que circundam a orla da cidade e que conecta as ilhas aos equipamentos urbanos, serviços e comércios da capital. De acordo com o Plano Diretor de Belém (2008), as ilhas estão assistidas por lei da seguinte maneira:

XVII - ampliar a acessibilidade interna nas ilhas por meio da melhoria de circulação viária e do ordenamento dos diversos modos de circulação (BELÉM, PLANO DIRETOR, 2008, Art. 42, XVII).

Em contrapartida, verifica-se que, para grande parte dos ilhéus, o democrático esbarra no deslocamento pelos rios e nas oportunidades de oferta, acesso e utilização desses equipamentos pela comunidade ribeirinha.

Uma das problemáticas começa em como deslocar pessoas com alguma enfermidade na Ilha. Sair de casa é um desafio, sobretudo para pessoas com deficiência e/ ou com sua mobilidade reduzida. As calçadas de palafitas, isso quando existe, muitas vezes, encontram-se estreitas, quebradas, com madeira apodrecida e escorregadias por conta do lodo e dos resíduos trazidos pela maré, o que a torna um elemento perigoso às pessoas, principalmente as mais vulneráveis (Figura 5). Embora a população saiba disso, uma das frases que mais se escuta diante da situação é “a gente dá um jeito”. O que ressalta, muitas vezes, a descrença desses por melhorias nessas estruturas físicas.



Figura 5. A falta de acessibilidade espacial nas comunidades ribeirinhas, risco de acidente em potencial

Fonte: Imagem retirada de um vídeo realizada pelos autores, 2019.

Os trapiches apresentam problemas para o embarque e desembarque dos usuários, já que a oscilação da maré pode influenciar no acesso dos trapiches para



os barcos e vice-versa. Em alguns casos a dificuldade é tão grande que as pessoas precisam ser carregadas, mas há preocupação de que algum deslize, os dois podem cair e se machucarem.

A partir desse ponto, vem outra preocupação: onde o levaremos para ser atendido por um médico? A primeira opção seria a Unidade Básica de Saúde do Combu (UBS) que está situada em um trecho central às margens do Igarapé do Combu. Em 2017, houve a entrega das obras de ampliação da UBS junto a inclusão de um novo trapiche com cais flutuantes para facilitar o atracamento de embarcações (Figura 6). (BELÉM, 2017).



Figura 6. Mapa de localização da Unidade Básica do Combu

Fonte: Autores, 2019.

Para chegar nessa UBS, o acesso é realizado por meio de um flutuante de pequeno (Figura 6), mas observou-se que a mesma não comporta toda demanda de pessoas por aglomerar diversos tipos de embarcações. Nota-se que a rampa existente não se adequa às Normas de acessibilidade (NBR 9050/2015) e nem às de segurança (NBR 15450/2006), com relação a largura que é estreita e restringe a passagem de cadeirantes, pessoas em macas e obesas. Além do guarda-corpo sem proteção lateral e sem corrimão adequado para dar maior segurança às pessoas, sobretudo quando precisam da ajuda dos acompanhantes.

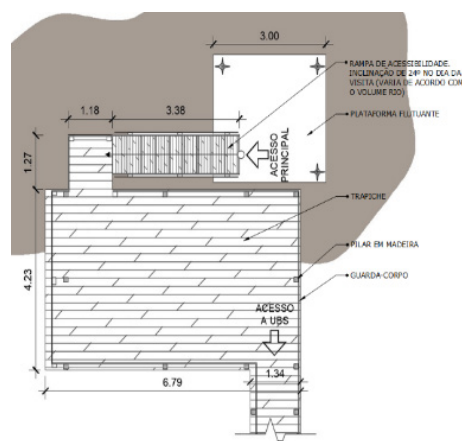




Figura 7. Planta baixa do trapiche, aglomeração dos barcos em frente o flutuante e a rampa existente.

Fonte: Autores, 2019.

O paciente enfrenta outro agravante: se irá conseguir atendimento médico na UBS? De acordo com a Prefeitura de Belém (2017) até 2017, a UBS do Combu atendia cerca de 2.200 pessoas de 560 famílias, dentro do programa Estratégias de Saúde da Família que abrange as ilhas: Combu, Grande, do Papagaio e do Murucutum. Um sistema de saúde deve caracterizar-se por ser de fácil acesso, especialmente à população carente, e deve procurar atender as reais necessidades de um determinado território (STEIN, 2008).

Durante as visitas e entrevistas realizadas na ilha, constatou-se que muitos dos serviços oferecidos estavam parados, sobretudo, pela falta de médicos e/ou de materiais para o atendimento local. A falta de recursos e médicos na ilha, faz com que parte dessa demanda de pacientes recorram a atendimentos médicos em Belém.

Da UBS do Combu até Belém, os ribeirinhos enfrentam outros problemas. Caso o paciente apresente um quadro grave, provavelmente, seu estado clínico pode piorar devido as más condições físicas dos barcos junto ao tempo perdido no deslocamento. Assim, o tempo estimado para que o paciente chegue à orla sul de Belém, mais especificamente, no Porto da Praça da Princesa Isabel, no bairro da Condor, é cerca de 10 a 20 minutos dependendo da embarcação, sendo a lancha a mais rápida (Figura 8).

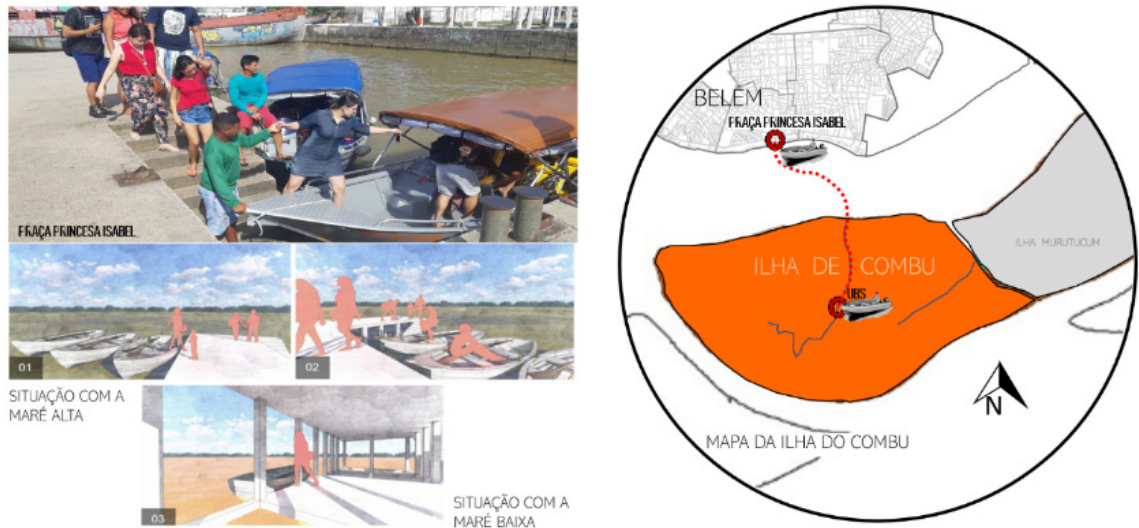


Figura 8. Praça Princesa Isabel no bairro da Condor, dificuldades encontradas para embarque e desembarque.

Fonte: Autores, 2019.

Na Praça Princesa Isabel, o trapiche de concreto apresenta dois níveis em sua estrutura para auxiliar na transferência do barco para o trapiche e vice-versa, nos momentos de maré alta e baixa. As escadas presentes ajudam na transferência, mas não apresentam elementos de segurança como guarda-corpo, corrimão e nem sinalizações de segurança nos pisos para que os usuários consigam acessar e utilizar a estrutura de forma segura, com conforto e com autonomia, já que sempre há a necessidade da ajuda de terceiros (Figura 8).

A partir dessa praça, os combuenses iniciam uma verdadeira peregrinação em várias UBS e hospitais de Belém, em busca de soluções para o seu problema. Para isso, os ilhéus recorrem ao atendimento em equipamentos de saúde pública mais próximos que são: Unidade Municipal de Saúde (UMS) e Unidade de Pronto atendimento (UPA), Unidade Básica de Saúde (UBS) do Guamá, UBS da Condor, UBS e UPA da Terra-Firme, UBS do Jurunas, UBS da Cremação e o HPSM do Guamá, conforme o mapa da Figura 9.



Figura 9. Mapa de localização dos equipamentos de saúde pública mais próximos à Praça da Princesa Isabel

Fonte: Autores, 2019.

O que ocorre é que para a comunidade ribeirinha, essa situação torna-se onerosa e desgastante, uma vez que os mesmos correm o risco de não serem atendidos por diversas situações, tais como: falta de leito, falta de médico, falta de remédios, falta de recursos e materiais, de filas enormes, de serviços sobrecarregados, de superlotação e entre outros problemas relacionados a questão da saúde em Belém e que, neste artigo, não será aprofundado.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as comunidades ribeirinhas o acesso à educação, transporte e saúde com qualidade ainda é uma questão de invisibilidade social e, sobretudo, da falta de políticas públicas mais coerentes à realidade dos ilhéus. A questão saúde vai mais além do que explicado nesse artigo. A partir das vivências e observações realizadas nas visitas técnicas, pôde-se perceber mais as dificuldades encontradas pela comunidade até para realizar tarefas cotidianas. Falas como “a gente já está acostumado”, “é tem que meter a cara” evocam um sentimento de se acreditar que só existem esses tipos de espaços e esses tipos de transportes. Qualidade seria luxo, e diante disso, muitos se convencem que segurança está no fato de saber se adaptar e se movimentar nos ambientes construídos, já que nada muda para melhorar sua qualidade de vida, o que cabe a frase “pra tudo se dá um jeito” e, nisso, correm risco de acidentes o tempo todo.

Infelizmente, um exemplo disso é a UBS do Combu. Houveram melhorias, colocou-se mais salas de atendimento e, em menos de dois anos, observa-se um

equipamento de saúde sem oferecer toda sua capacidade funcional por falta de recursos e de médicos especializados, e quem perde, sempre são os ilhéus.

Além disso, mesmo com o acréscimo de flutuante, trapiche, calçadas de estivas cobertas e com guarda-corpo, as estruturas apresentam falhas de detalhes físicos, que parecem insignificantes para algumas pessoas, mas que é essencial para a acessibilidade espacial para pessoas mais vulneráveis. Essas falhas junto a falta de manutenção adequada ao espaço comprometem ainda mais a estrutura física e a segurança das pessoas.

Diante disso, destaca-se a importância de se fazer uma avaliação de pós-ocupação para verificar como os usuários se comportam nos ambientes. Em entrevistas, quando perguntados aos usuários o que achavam do espaço, a frase dita com maior frequência era “melhor do que era”, o que pode ser traduzida como uma forma de insatisfação. Dessa forma, a avaliação de pós-ocupação poderia coletar os aspectos positivos para serem incorporados em novos projetos e, os negativos, para não serem repetidos, o que traria qualidade aos futuros projetos e melhor adequação do espaço, sem considerar a visão apenas do especialista.

Por fim, ressalta-se que Belém, de uma forma geral, apresenta muitas falhas na questão de saúde pública. Tal situação, desdobra-se de forma injusta para as populações que estão em um contexto de vulnerabilidade, onde tudo falta: educação, transporte acessível, tratamento de esgoto, abastecimento de água potável e saúde pública de diversas especialidades para atender à realidade de seus habitantes e suas necessidades. Falta bom senso, falta empatia e, principalmente, vontade pública para que as comunidades ribeirinhas sejam inclusivas e mais democráticas.

## REFERÊNCIAS

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15 450/2007: Norma brasileira de acessibilidade de passageiros no sistema de transporte aquaviário. Rio de Janeiro, 2007.

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9050/2015: Norma Brasileira de Acessibilidade em edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.

BELÉM. Prefeitura Municipal de Belém. Prefeitura de Belém inaugura obras de educação e saúde na ilha do Combu. 2017. Disponível em:< <http://www.belem.pa.gov.br/semec/site/?p=130>>. Acesso em: 10/06/2019.

BELÉM. **LEI Nº 8.655**, de 30 de julho de 2008. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Belém, e dá outras providências.

DUARTE, Fábio; LIBARDI, Rafaela; SÁNCHEZ, Kárina. Introdução à mobilidade urbana. [S. l.]: Juruá, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320p.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de Metodologia Científica**. 2.ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.124.

MONTEIRO, Érica Corrêa. **Acessibilidade espacial em calçadas de estivas no Pará**: estudo de caso na Ilha do Combu e na cidade de Afuá. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MONTEIRO, Érica Corrêa; DISCHINGER, Marta. **Calçadas ribeirinhas no Pará, Brasil**: considerações sobre as normas técnicas de acessibilidade para a realidade Amazônica. In: 7º PROJETAR 2015, 2015, Natal. O VII PROJETAR - 2015- Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática, 2015.

MONTEIRO, Érica Corrêa. **Acessibilidade Espacial nas Calçadas de Estivas da Ilha do Combu, Belém, Pará**: Soluções Técnicas para a Realidade Amazônica In: 4º Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono (CIEL), 2017, Covilhã e Porto. A Cidade Habitada. 4º Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono (CIEL), 2017. v.1. p.128

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. Colaboradores José Augusto de Souza Peres et al. 3. ed. 9. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

STEIN, Airton Tetelbom. **Acesso a atendimento médico continuado**: uma estratégia para reduzir a utilização de consultas não-urgentes em serviços de emergência. Tese (Doutorado)- Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade Espacial 94

Agências bancárias 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79

Álvaro Siza 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 58, 59

Arquitetura Moderna 1, 2, 4, 6, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 40, 50, 58, 123

Arquitetura ribeirinha 82, 83

Art déco 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 76, 143, 144

### B

Bairros-jardim 110, 112, 127

### C

Casa do Chame-Chame 1, 2, 4, 5, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Cicloturismo 60, 61, 62, 63, 68

Cidade 3, 5, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 47, 59, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 83, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 127, 128, 130, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179

Colônia do Sacramento 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109

Colonização espanhola 95, 100

Colonização portuguesa 95

### D

Dimensão Fractal 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

### E

Efeito Genérico 140, 141, 142, 144, 152

Espaço 17, 19, 23, 30, 31, 44, 47, 48, 50, 57, 58, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 119, 123, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 151, 152, 153, 156, 159, 178

### F

Função 18, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 108, 113, 148, 156, 171, 172, 176, 178

## G

Goiânia 32, 37, 39, 40, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152

## L

Lina Bo Bardi 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 19, 21, 22, 23

Linguagem arquitetônica 25, 33, 39, 41

## M

Matemática aplicada ao urbanismo 154

Museus 41, 43, 44, 80

## O

Ocupação 73, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 126, 145, 153, 155, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

## P

Padrões morfológicos 96, 165

Permanências Urbanas 140, 141, 143

Projeto 5, 6, 9, 10, 11, 18, 21, 25, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 60, 68, 69, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 113, 114, 116, 125, 126, 128, 130, 141, 143, 144, 145, 148, 152, 165, 178

## R

Ressignificação 69, 72

## T

Território 26, 85, 90, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 142, 143, 180

Tombamento 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 143, 144

## U

Urbanismo fractal 154

## V

Vazios urbanos 102, 107, 153, 154, 155, 171, 178



 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**